



<https://doi.org/10.56344/2675-4827.v6n2a2025.6>

Colin em preto e branco: a construção da identidade frente o racismo na adolescência

Colin in black & white: the construction of identity in face of racism during adolescence

Cindy Dalila Mastrogiacomo¹, Guilherme Dias Faraco², Thamires Helena da Silva Hobus³, Flavia Andrea Pasqualin⁴

RESUMO: A adolescência tem sido um tópico muito discutido por autores ao longo da última década por se tratar de um período que apresenta conflitos físicos e psíquicos. A partir disto, torna-se fundamental compreendermos as complexidades vivenciadas por adolescentes em contextos de desigualdade social e racial, tal como o Conselho Federal de Psicologia (CFP) descreve como sendo um processo ético do psicólogo em combater e eliminar a discriminação racial e o preconceito. Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar a minissérie "Colin em Preto e Branco", a fim de investigar as interações entre a fase da adolescência e a construção da identidade racial. Para tal, o estudo adotou como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória e documental. Para a compreensão dos resultados, seguiu-se a análise de conteúdo, a qual possui três fases centrais: (I) pré-análise, no qual foi organizado sistematicamente o material, começando com a compreensão preliminar do tema e a seleção da minissérie, (II) exploração do material por meio de repetidas visualizações dos capítulos da minissérie a fim de marcar os conteúdos mais abordados pela mesma, e (III) análise crítica e filosófica das cenas. Para essa análise dos dados, buscou-se fundamentação teórica no trabalho dos autores Frantz Fanon (2008) e Neusa Santos Souza (1983). Assim, foi possível identificar como o desenvolvimento identitário do personagem central da minissérie analisada foi constantemente criticado no que se referia às suas expressões culturais e desafiado a adotar uma identidade branca e ocidentalizada, dificultando seu desenvolvimento pessoal, social e profissional.

Palavras-chave: Identidade racial; Racismo; Adolescência; Psicologia.

¹ Mestranda no programa de pós-graduação em Enfermagem Psiquiátrica pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Contato: cindydalila2@gmail.com

² Psicólogo formado pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

³ Psicóloga formada pelo Centro Universitário Barão de Mauá.

⁴ Doutora em Psicologia pela USP. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá. Contato: flavia.andrea@baraodemaua.br

ABSTRACT: Adolescence has been widely discussed by authors over the past decade as a period marked by physical and psychological conflicts. Factors such as racial identity can intensify the struggles faced during this stage of development. It is essential to understand the complexities experienced by adolescents in contexts of social and racial inequality, as highlighted by the Federal Council of Psychology, which defines the ethical role in combating and eliminating racial discrimination and prejudice. This study aimed to analyze the Netflix miniseries "Colin in Black and White", broadcast on Netflix, to investigate the interactions between adolescence and the construction of racial identity. The study adopted a qualitative exploratory and documentary research methodology. Content analysis followed three main phases: (I) pre-analysis, with systematic organization of the material, preliminary understanding of the theme, and selection of the miniseries, (II) exploration of the material through repeated viewings of the six episodes to highlight the most addressed themes, and (III) critical and philosophical analysis of the scenes to understand how racism impacts this developmental stage. For this analysis, theoretical foundations were sought in the works of Frantz Fanon (2008) and Neusa Santos Souza (1983). Therefore, the study identified how the central character of the analyzed miniseries, faced constant criticism in the development of his identity, particularly concerning his cultural expressions related to african heritage, and how he was pressured to adopt a white and westernized identity, ultimately hindering both his personal/social and professional growth.

Keywords: Racial identity; Racism; Adolescence; Psychology.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é de analisar a minissérie "Colin em Preto e Branco", produzida no ano de 2021 e disponível na plataforma Netflix, no intuito de explorar as vivências entre desenvolvimento adolescente e identidade racial.

É importante dizer ao leitor que, a minissérie "Colin em Preto e Branco" é uma minissérie dramática, norte-americana, composta por seis episódios, que retrata a vida de Colin Kaepernick, um ativista dos direitos civis e ex-jogador de futebol americano da *National Football League (NFL)*, no período de sua adolescência. A minissérie aborda os desafios de raça, classe e cultura que Kaepernick enfrentou ao longo de sua vida. Colin Kaepernick é interpretado pelo ator Jaden Michael, com Nick Offerman e Mary-Louise Parker como seus pais. A minissérie criada por Ava DuVernay e o próprio Kaepernick, destaca o início dos protestos de Kaepernick contra o racismo nos Estados Unidos em 2016, quando ele se ajoelhava durante a execução do hino nacional antes das partidas, uma ação que gerou divisão de opiniões e

resultou em sua exclusão da NFL em 2017, levando Kaepernick a acusar os times de conspiração para não o contratar (Colin em preto e branco, 2021).

Assim, realizar uma análise da intersecção entre o desenvolvimento adolescente e a construção da identidade racial caracterizado pela mídia se justifica pela importância de compreendermos as complexidades inerentes ao crescimento em ambientes marcados por disparidades sociais e raciais. Tais dramatizações não apenas ilustram aspectos específicos da experiência de adolescentes negros, como também contribuem para uma compreensão mais ampla sobre como a mídia e as narrativas culturais influenciam a percepção de si e o desenvolvimento de jovens.

A relevância deste estudo transcende o âmbito acadêmico, pois toca em questões vitais de representatividade e identidade, oferecendo *insights* para educadores, psicólogos e o público em geral. Além disso, a Resolução CFP nº 18/2002, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), estabelece diretrizes para a atuação dos psicólogos no combate ao preconceito e à discriminação racial. Essa resolução exige que os profissionais da psicologia utilizem seus conhecimentos para promover a reflexão sobre o preconceito racial e contribuir para sua eliminação, como podemos ver a seguir:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo;

Art. 2º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito de raça ou etnia;

Art. 3º - Os psicólogos, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante o crime de racismo;

Art. 4º - Os psicólogos não se utilizarão de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação racial;

Art. 5º - Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que sejam de natureza discriminatória ou contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias.

Dessa forma, para melhor compreendermos a temática analisada, o artigo está dividido em aspectos que englobam os temas centrais discorridos na minissérie,

sendo eles: a adolescência e a construção da identidade racial, os quais abordarão aspectos que envolvem o desenvolvimento da adolescência e questões raciais.

Adolescência e identidade racial

Erik Erikson (1987), um dos principais nomes na psicologia do desenvolvimento, propõe oito estágios de desenvolvimento ao longo da vida. Cada estágio é caracterizado por uma crise específica que deve ser resolvida para um desenvolvimento saudável do ego. Para Erikson (1987), a adolescência, especificamente, é um período identificado como Identidade vs. Confusão de Identidade, essencial para a formação da identidade pessoal e social do indivíduo. De acordo com o autor, a adolescência é marcada por intensas transformações físicas, emocionais e sociais, que levam os jovens a questionarem e explorarem sua identidade. Esse processo envolve uma profunda reflexão sobre questões fundamentais, como sobre auto reconhecimento e pertencimento (Erikson, 1987). A crise de identidade é central nesta fase, onde o adolescente busca integrar suas experiências passadas com suas expectativas futuras, formando um senso coeso de identidade.

É importante ressaltar que a formação da identidade não se restringe apenas ao período da adolescência, mas continua a se desenvolver e transformar ao longo da juventude. Este processo contínuo é moldado por novas experiências e mudanças nas circunstâncias de vida, refletindo a natureza dinâmica e evolutiva da identidade do ego. A identidade, para Erikson (1987), não é estática; ao contrário, ela se ajusta e se refina conforme os indivíduos enfrentam e superam novos desafios e oportunidades ao longo da vida. Esta perspectiva ressalta a importância da adaptabilidade e da resiliência como componentes essenciais para o desenvolvimento pessoal e psicológico ao longo do ciclo vital (Erikson, 1987).

Tal como a adolescência, a construção da identidade racial é profundamente influenciada pelas interações sociais e aspectos da história. Frantz Fanon (2008, p. 28) descreve em sua obra como a colonização impôs identidades racializadas aos povos colonizados: "Para o homem de cor, há somente um destino. E ele é branco". Essa citação ilustra como a identidade racial dos colonizados foi moldada pela

imposição de valores e normas brancas, criando uma “hierarquia racial” que desumaniza todos os povos não brancos e que são reflexos até os dias de hoje.

A construção da identidade racial negra é, portanto, um processo complexo, marcado por uma série de tensões e de contradições. Fanon (2008) observa que para muitos negros a obsessão em "fixar-se" é resultado de uma impotência social derivada da opressão contínua. Ele argumenta que "a maioria dos negros, inclusiva na África, está obcecada em fixar-se" (Fanon, 2008, p. 16). Esta luta por fixar-se é uma tentativa de encontrar um lugar estável em um mundo que constantemente desvaloriza e marginaliza os corpos negros. O termo fixar-se pode ser interpretado no sentido de significar tanto a busca de uma identidade estável e reconhecida quanto à conformidade com as expectativas da sociedade opressora. Essa conformidade pode ser vista como uma forma de sobrevivência em um ambiente hostil, mas também pode ser uma fonte de tensão e contradição, já que muitas vezes implica a negação ou supressão da própria identidade racial e cultural.

Segundo o autor, a consciência negra se considera como “densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo” (Fanon, 2008, p. 122). Esta consciência é um elemento fundamental na formação da identidade racial, uma vez que se reconhece como uma presença completa e independente, sem a necessidade de se moldar a partir de influências externas.

O cabelo trançado, por exemplo, é um elemento cultural significativo que inclusive está presente na minissérie “Colin em Preto e Branco”, simbolizando mais do que um simples estilo de cabelo, as tranças representam a afirmação de uma identidade racial e cultural. Costa (2022) afirma que historicamente, as tranças representam uma forma de expressão carregando significados profundos dentro das comunidades negras, incluindo a resistência contra a opressão e a manutenção de tradições ancestrais. Segundo o autor, alguns termos étnicos como Nagôs, Angolas, Jejes e Fulas surgiram como identidades criadas durante o período do tráfico de escravos, abrangendo uma variedade de tribos africanas escravizadas provenientes de diferentes regiões.

Fanon (2008) também discute a importância de manter a integridade cultural e de resistir à assimilação forçada, afirmando que “minha consciência negra não se assume como a falta de algo. Ela é. Ela é aderente a si própria” (2008, p. 122). Assim,

estas mesmas tranças funcionam como um símbolo de resistência e de orgulho cultural, reforçando a ideia de que a identidade negra é completa e valiosa por si mesma. Fanon (2008, p. 181) argumenta que “é apenas pelo risco de vida que se conserva a liberdade”, o que pode ser interpretado como a coragem necessária para manter e exibir traços culturais autênticos, mesmo diante da pressão para se conformar ou se adequar.

Na obra de Fanon (2008) também são exploradas as consequências psicológicas da dita internalização do racismo, destacando o complexo de inferioridade que muitas pessoas negras acabam por desenvolver ao longo de suas vidas, isso nos evidencia a internalização da cor branca como superioridade e como isso afeta a autoestima dos indivíduos negros, levando-os a negar sua própria identidade.

Partindo desse pressuposto, existe uma temática de alienação e desumanização, onde Fanon (2008) descreve a experiência de ser visto como outro pela sociedade branca, e que durante a história, sempre existiram guerras envolvendo a liberdade e busca pela fala e direitos. "O negro não é um homem" (Fanon, 2008, p. 26), reflete a carga emocional e psicológica que os indivíduos negros carregam ao serem constantemente representados de maneira negativa e estereotipada pela sociedade.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida com suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (Souza, 1983 p. 17).

No trecho acima é possível dimensionar como é ser negra, destacando tanto os desafios quanto a força de superação. Ser negra, como aponta a autora supracitada, significa enfrentar muitas dificuldades, como a desvalorização da identidade e a pressão para se conformar às expectativas da sociedade dominante. No entanto, também significa lutar para resgatar e valorizar a própria história e cultura, além de se recriar e desenvolver todo o seu potencial, resistindo às opressões. Em

suma, é uma experiência de resistência, resiliência e reafirmação da própria identidade.

Souza (1983) interpreta que a identidade racial e étnica desempenha um papel crucial na formação do eu individual e da comunidade a que pertence. Essa identidade é um componente essencial da autoidentificação e da percepção coletiva, afetando como os indivíduos se veem e são vistos pela sociedade. Para muitas minorias, a identidade racial e étnica não se trata apenas de uma característica, mas uma parte central de sua experiência cotidiana. Essas populações, vivenciam essa dinâmica de maneira muito consciente. Esse alto grau de consciência é resultado de duas forças sociais e culturais conflitantes.

Por um lado, a imersão nas tradições e valores culturais através de instituições como a família, a comunidade religiosa e a escola saudável, fortalece um sentimento positivo de identidade étnica e confiança. Por outro lado, essas mesmas pessoas enfrentam tratamentos negativos e estereótipos da mídia em geral, que destacam sua diferença e frequentemente transmitem mensagens desvalorizantes sobre sua identidade étnica. De acordo com Chávez e Guido-DiBrito (1999, p. 39):

A identidade racial e étnica são partes críticas do arcabouço geral da identidade individual e coletiva. Para algumas populações minoritárias especialmente visíveis e legalmente definidas nos Estados Unidos, a identidade racial e étnica se manifesta de maneira muito consciente.

Essa manifestação consciente da identidade racial e étnica é uma resposta tanto ao reforço cultural positivo quanto às mensagens desvalorizantes da sociedade. A experiência de grupos minoritários é, portanto, marcada por um constante confronto entre um fortalecimento interno de sua identidade e uma externalização negativa dessa identidade pela sociedade geral.

Além disso, é fundamental considerar os aspectos semânticos da discriminação racial no cenário brasileiro, conforme discutido por João Feres Júnior (2006). O autor argumenta que a discriminação racial no Brasil foi significativamente redefinida após a abolição da escravidão, com o advento da modernidade.

Com o advento da modernidade no Brasil, negro passou a ser um índice de não moderno, ou mais especificamente, de pessoa que não é plenamente

dotada das aptidões necessárias para o bom desempenho como cidadão e para as relações de mercado, a saber, racionalidade, disciplina, controle das paixões e emoções, capacidade de planejamento etc (Feres Júnior, 2006, p.1).

Essa afirmação de Feres Júnior (2006) destaca como a modernidade no Brasil trouxe uma nova forma de discriminação racial que não se baseia mais apenas na cor da pele, mas na associação da negritude a características percebidas como incompatíveis com a modernidade e a civilidade. O autor sugere que, na sociedade, o negro foi enquadrado como um "índice de não moderno" (Feres Júnior, 2006, p.4), implicando que os atributos necessários para ser considerado um cidadão pleno e produtivo no mercado de trabalho são negados à população negra.

Essa construção semântica afeta profundamente a percepção e o tratamento dos negros na sociedade, perpetuando a marginalização e a exclusão social. A narrativa midiática e cultural reforça esses estereótipos, criando um ciclo vicioso da imagem do negro como irracional, indisciplinado e incapaz de controlar suas emoções é continuamente reproduzida e internalizada tanto pela população negra quanto pela sociedade em geral.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada está fundamentada na pesquisa exploratória, mais especificamente, a pesquisa qualitativa exploratória e documental. Segundo Gil (2008) as pesquisas qualitativas têm como objetivo oferecer maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Sendo o seu objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. A pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica são muito parecidas, mas se diferenciam pela natureza das fontes que utilizam. A pesquisa bibliográfica foca principalmente nas obras e escritos de diferentes autores sobre um tema específico, enquanto a pesquisa documental trabalha com materiais que ainda não foram submetidos a uma análise detalhada ou que podem ser reorganizados para atender aos propósitos específicos do estudo, como foi o caso desse trabalho ao utilizar uma série televisiva. Essa presente pesquisa trata-se, no entanto, de um trabalho qualitativo exploratório e documental.

Para a compreensão do material explorado, este estudo adotou o método de análise de conteúdo conforme descrito por Bardin (1977), que é organizado em três etapas fundamentais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento e interpretação dos resultados. A fase de pré-análise caracteriza-se pela organização inicial e sistemática do material, a partir de uma compreensão preliminar do tema. Nessa etapa são definidos elementos como a seleção dos documentos que serão submetidos à análise e a definição dos objetivos e conceitos que guiarão a interpretação final (Bardin, 1977). E assim foi feito, ao escolhermos um material, no caso a série televisiva, que abarcasse a questão racial.

Traçados os objetivos, após a realização da pré-análise, seguiu-se a etapa de exploração do material, que envolve a leitura detalhada e a codificação dos dados sob um enfoque analítico criterioso (Bardin, 1977). Para esse procedimento de análise dos dados, foram contabilizadas 13 visualizações da série pelos participantes da pesquisa, sendo registrados os conteúdos e temáticas recorrentes. Observou-se que cada episódio foi assistido, no mínimo, duas vezes por cada integrante do grupo, sendo que na segunda vez, as cenas que representavam as temáticas que coincidiam com o tema do trabalho foram pausadas e anotadas para posterior análise de conteúdo. Assim, foram explorados conteúdos que abordam adolescência, racismo e identidade e como esses temas se relacionam. Os episódios analisados foram: 1 - Trancinhas; 2 - Armando o ataque; 3 - Viagem; 4 - Decisão; 5 - Crystal.

Na etapa final de análise crítica e filosófica (onde os dados são organizados e interpretados, gerando resultados, interpretações e reflexões acerca da temática investigada) foram selecionados autores que marcaram a temática de maneira crítica e filosófica, dessa forma, para a análise da minissérie, buscou-se apoio nos autores Frantz Fanon (2008) e Neusa Santos Souza (1983).

A integração do pensamento de Frantz Fanon (2008) e Neusa Santos Souza (1983), especialmente nas obras "Pele Negra, Máscaras Brancas" e "Tornar-se Negro" respectivamente, permitiram aprofundar a análise sobre como questões de raça e racismo impactam o desenvolvimento de indivíduos negros. Fanon (2008) aborda a internalização do racismo e seus efeitos devastadores na construção do pertencimento na sociedade e identidade pessoal e coletiva, elementos essenciais para o desenvolvimento saudável. Souza (1983) aborda a criação de um tipo de

conhecimento que permita construção de um discurso dos negros sobre si mesmos, especialmente em relação às suas emoções. A autora foca na experiência de ser negro em uma sociedade dominada por brancos, onde as normas culturais, estéticas e ideológicas são estabelecidas pelos brancos.

Sendo assim, a análise documental exploratória forneceu uma visão geral e inicial do material disponível, ajudando a identificar o tema, padrões e áreas de interesse ao revisar o documento disponível de maneira aberta e exploratória, anotando observações gerais, temas emergentes e possíveis categorias para investigação. E a análise de conteúdo forneceu base para interpretar o conteúdo dos documentos de forma sistemática e estruturada.

ANÁLISE DOS DADOS

Para a análise dos dados, vale dizer que, os mesmos foram compilados de acordo com a repetência em que eram abordados na série assistida. Então, os episódios sempre versavam em torno da temática sobre a construção da identidade racial na adolescência. Adicionalmente, dois autores se tornaram imprescindíveis; Frantz Fanon (2008) e Neusa Santos Souza (1983) em razão de suas pesquisas acerca da temática.

Tornar-se negro: o reconhecimento identitário

Na minissérie "Colin em Preto e Branco", identificamos uma construção semântica quando os treinadores de Colin criticam suas tranças, sugerindo que ele corte para parecer mais "profissional", na verdade, eles estão reiterando a ideia de que expressões culturais negras são incompatíveis com os padrões de modernidade e profissionalismo exigidos pela sociedade. Segundo Costa (2022) as tranças representam uma forma de expressão carregando significados profundos dentro das comunidades negras, incluindo a resistência contra a opressão e a manutenção de tradições ancestrais. Cortar as tranças é cortar sua identidade histórica como negro.

O simbolismo das tranças carrega aspectos culturais, por isso se faz necessário conhecimentos sobre formação da identidade racial e étnica. Papalia e Feldman

(2022, p. 426) relatam que a identidade possui um papel fundamental no desenvolvimento de jovens de grupos minoritários. Os autores apresentam uma pesquisa que explora questões relacionadas à identidade étnica (Phinney, 1998 apud Papalia e Feldman, 2022) para aprofundar o conhecimento sobre o tema. A pesquisa se divide em quatro etapas: (a) difusa: a pessoa que não possui clareza/conhecimento sobre a própria etnia; (b) execução: a pessoa que ainda não explora sobre a etnia, mas possui sentimentos positivos ou negativos sobre a etnia; (c) moratória: a pessoa que explora sobre a etnia, mas ainda de maneira confusa e (d) realizada: a pessoa que explora para adquirir conhecimento e aceita sua etnia.

No estudo citado, que contou com 940 participantes, entre adolescentes, estudantes universitários e adultos, apenas 27% dos adolescentes estavam na etapa da etnia realizada, enquanto esse percentual foi de 47% entre os estudantes e 56% entre os adultos. Esses resultados indicam que a maioria da amostra pode estar suscetível a impactos negativos associados à identidade étnica.

Para além da rejeição que os treinadores expuseram sobre as tranças, a série mostra o efeito positivo que elas desempenharam na autoestima de Colin, pois em uma das cenas após Colin trançar o cabelo o narrador apresenta os seguintes pensamentos do personagem: “Quando eu fiz as tranças minha presença foi de zero a cem rápido. Eu estava me sentindo o cara. As tranças me fizeram correr mais rápido no campo. Me sentindo confiante nas minhas habilidades.” (ep. 1, 26'46”). Ao analisar esse aspecto do desenvolvimento humano, Papalia e Feldman (2022, p. 426) diz que a atividade física contribui para um aumento da autoestima. E para os homens, ela tende a estar vinculada à luta pela realização individual, podendo ser vista quando Colin ao estar em campo diz a si mesmo “eu não estava lá para jogar, eu estava lá para dominar” (ep. 2, 9'25”).

Souza (1983) explora a experiência emocional dos negros em resposta à sujeição, negação e destruição de sua identidade original e histórica. Trata-se de entender o impacto emocional dessas experiências na vida dos negros, destacando o custo emocional de viver em uma sociedade que constantemente invalida e massacra suas identidades. A autora afirma que "a maior violência do racismo é sua capacidade de fazer com que o negro internalize a inferioridade que lhe é imposta, negando a si mesmo e sua identidade" (Souza, 1983, p. 22). Essa citação destaca um aspecto

crucial da formação da identidade racial: a luta contra a internalização de valores depreciativos.

No contexto da minissérie, Colin ao longo de sua adolescência, enfrenta situações onde é constantemente lembrado de sua negritude de maneira pejorativa, seja pelos treinadores que criticam suas tranças ou pelos colegas que o tratam de forma diferenciada pelo tom de cor de sua pele. Fanon (2008, p. 43) discorre que o mundo é compreendido por sujeitos mistificados e mistificadores, dividido “por um lado de negros alienados (mistificados) e por outro de brancos não menos alienados (mistificadores e mistificados)”. Isso se dá em decorrência da colonização, no qual mesmo em regiões que colonizadores são minorias, ainda não se sentem inferiores. Um exemplo disso é a África do Sul, que possui “dois milhões de brancos para aproximadamente treze milhões de nativos, e nunca passou pela cabeça de nenhum nativo sentir-se superior a um branco minoritário” (2008, p. 90).

Esta ideia de mistificadores e mistificados brancos, pode ser vista na minissérie quando Colin menciona: “eu nasci em Winscosin, um lugar conhecido pela pecuária leiteira e escassez de negros. Mas cresci em Turlock, Califórnia, um lugar também conhecido pela pecuária leiteira e, você adivinhou, escassez de negros” (ep. 1, 04'45”). A partir deste relato, podemos entender que além de ser minoria na região, também está propenso culturalmente a se sentir inferiorizado, fixado em um único espaço, o espaço de quem vive solitariamente no ambiente branco.

Colin passa por um processo de busca por um referencial identitário, a fim de desenvolver sua consciência racial e afastar-se do sentimento de não pertencimento, como é mostrado no momento em que Colin entra na loja “Trocá Urbana” (uma loja da cultura afro), e fica impressionado ao se identificar com as pessoas e os produtos, naquele momento se identifica com a cultura negra, mencionando “*Parecia... comigo*” (ep. 1, 16'47”). Souza (1983, p. 77) discorre em seu livro:

ser negro é [...] tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.

A partir disso, é possível observar como a identificação racial é fortemente vinculada ao ambiente, esta que foi somente exposta e percebida pelo personagem na primeira vez em que Colin, aos 14 anos, adentra tal loja. Este contato remete diversos elementos típicos da cultura afro, como por exemplo, as tranças que emergem como um singelo adorno estético, mas que guarda no seu bojo toda bagagem ancestral, na forma de tradição (Binja; Costa, 2022). Antes deste momento, o contato se dava apenas por meio das mídias esportivas, um caminho no qual Colin decide seguir e ser jogador profissional de futebol americano além de utilizar da estética representada pelo jogador, isso devido a influência de seu ídolo esportista negro Allen Iverson, um jogador profissional de basquete da época. Essa internalização pela fase de vida e pelas tranças fazem parte de seu processo de construção identitária, ou seja, se aproximar de certas figuras para inspirar, servindo a elas como modelo (Doretto, 2023).

A minissérie mostra que o sentimento de pertencimento à cultura afro dependia de diversos fatores, sendo um deles, o reconhecimento de sua africanidade pelos próprios pais. Com o passar do tempo, as tranças de Colin vão se desgastando, e em uma das cenas é possível observar o descontentamento de sua mãe sobre o desejo de Colin de refazê-las - [...] Enquanto a mãe de Colin dirige no bairro com destino a casa da profissional trancista, a qual trabalhava na loja Urbana, ela observa que Colin fica feliz ao ver um bairro com tantos negros, já a mãe não expressa a mesma reação e quando chegam no destino ela questiona: “Quanto tempo acha que vai levar?” - Colin pergunta: “As tranças?” a mãe responde: “Tudo isso.” (ep. 1, 24'42”). É visto que a mãe de Colin ao acompanhá-lo ao local, expressa uma tentativa de demonstrar a posição defensiva da inexistência de “barreiras de cor” e “segregação racial” atreladas ao “embranquecimento” (Souza, 1983, p. 22), mas ao analisar sua fala: “Tudo isso”, Colin se sente desanimado ao perceber seu grupo de origem sendo uma referência negativa aos olhos da mãe, causando um distanciamento e o raciocínio de “lugar onde teria que escapar para realizar, individualmente, as expectativas e mobilidade vertical ascendente” (Souza, 1983, p. 22).

O envolvimento do protagonista com a família atravessa a incompreensão do valor de suas origens, o pai verbaliza que ele deve se preocupar com coisas mais importantes, pois está “desperdiçando sua energia cerebral em penteados” (ep. 1,

13'43"). Fanon (2008, p. 44), discorre que o objetivo é de retirar o negro "do arsenal" composto pela colonização. Para o pai, o ideal seria que o filho continuasse com seus valores e crenças pessoais, pois "nada de mais sensacional do que um negro que se exprime corretamente, pois, na verdade, ele assume o mundo branco" (Fanon, 2008, p. 48).

Os desafios de Colin também se expandiram à própria profissão desejada. Em uma das cenas (ep. 2, 00'20"), - o narrador (Kaepernick, já adulto contando sua história) menciona que para ser um atleta melhor é preciso ter: "o selo de aprovação de um homem branco", mesmo vivendo em um país que promete igualdade e oportunidade para todos. No entanto, mesmo com as promessas que, "branco e negro" representam "extremos de uma linha ininterrupta onde, às diferentes nuances de cor, se adscreviam significados diversos, segundo o critério de que quanto maior a branqueira, maiores as possibilidades de êxito e aceitação" (Souza, 1983, p. 22).

Além disso, a minissérie demonstra que a busca identitária do personagem proporcionou um novo olhar da mídia, no qual os padrões estabelecidos de beleza estão sendo ressignificados, apresentando o exemplo que no ano de 2019, "pela primeira vez, as principais misses do mundo eram negras. Talvez não quisessem que enxergássemos nossa beleza, porque sabíamos que, se isso acontecesse, se controlássemos nossa própria narrativa, seríamos invencíveis" (ep. 5, 26'20"). Dessa maneira, o negro se vê representado por sua "possibilidade de existir" sem precisar "branquear ou desaparecer" apesar dos obstáculos vivenciados por sua cor e "verdadeira origem do conflito, isto é, as estruturas sociais" (Fanon, 2008, p. 95).

Segundo Papalia e Feldman (2022), embora existam padrões universais no desenvolvimento, fatores como cultura e ambiente podem alterar a forma como essas mudanças ocorrem. Através disso, afirma-se que o negro foi alocado em um entendimento tradicionalista que em todos os âmbitos era considerado "inferior e submisso", impossibilitado de construir um entendimento positivo sobre si. O afastamento de seus "valores originais", fez com que se inspirasse na identidade do branco "ao estruturar e levar a cabo a estratégia de ascensão social. A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com

o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior" (Souza, 1983, p. 19).

Enquanto Colin constrói sua identidade cultural é possível identificar os aspectos da adolescência sendo desenvolvidos como por exemplo no episódio "Viagem" quando o pai de Colin diz não gostar do bigode do filho e Colin responde "Acho que ele me deixa sexy" (ep 3, 9'). Para Papalia e Feldman (2022) a cena apresenta um dos sinais da puberdade, pois os pelos faciais que Colin se refere são caracteres sexuais secundários significando sinais fisiológicos de seu amadurecimento sexual. Geralmente para homens é um sinal positivo, o que condiz com o comentário de Colin.

Pele negra, máscaras brancas: a busca de um “embranquecimento alucinatório”

No tópico “Tornar-se negro: o reconhecimento identitário” foi retratado o processo do reconhecimento identitário de Colin, um adolescente negro que enfrentou desafios na busca pelo reconhecimento de sua identidade e meios de alcançá-la. Isso aconteceu ao mesmo tempo que o personagem tentava ser “fixado”, ele se deparava com o desconforto de estar em um espaço que não parecia se encaixar e que seus traços eram vistos como inferiores. Fanon (2008, p. 48) descreve que a expressão “petit-nègre é enclausurar o negro, é perpetuar uma situação de conflito onde o branco infesta o negro com corpos estranhos extremamente tóxicos”, no caso de Colin (ep. 1, 01'10”), um local com uma dinâmica de poder escondida no qual o branco é privilegiado e vive na branquitude de sua família, bairro e escola.

Essa dinâmica de poder é demonstrada em uma cena (ep. 1, 01'34”) que coloca os jogadores no campo, os cutucam, os espetam e examinam em busca de algo que pode afetar seu desempenho. Logo após essa cena, o narrador a vincula à escravidão, em que corpos negros eram avaliados e vendidos tal como de jogadores. Fanon (2021, p. 31) discorre em diferenciar a maneira que o racismo é utilizado por opressores e oprimidos, no qual o opressor “invoca argumentações científicas” utilizando-se da eugenia e não o legitima como racismo, sendo assim, o autor completa:

É a oposição doravante clássica entre as lutas de conquista e as de libertação. No decurso da luta, a nação dominadora tenta reeditar argumentos racistas, mas a elaboração do racismo revela-se cada vez mais ineficaz. Fala-se de fanatismo, de atitudes primitivas perante a morte, mas, uma vez mais, o mecanismo doravante deitado por terra já não responde Fanon (2021, p. 31).

Em uma das cenas do episódio “Viagem” (ep. 3, 25’55”), Colin está hospedado em um hotel com outros jogadores e avista o único grupo de adolescentes negros que está presente no local se apresentando. No meio da conversa, Dawney (um dos personagens) pede para o grupo: “Ei quietos, não quero ser expulso de novo”, e Colin pergunta o motivo da expulsão anterior, então é respondido com: “Eles (funcionários do hotel) nos expulsaram no ano retrasado”. Neste momento, Colin fica confuso e questiona seus novos colegas sobre o motivo, mas a resposta é: “O mano quer saber o que nós fizemos para ser expulsos”, enquanto outro colega menciona: “Por quê você acha? Por sermos negros”, relatando que foram acusados de algo que não fizeram. Colin lamenta e Dawney diz: “É o que é. O treinador diz que precisa escolher suas batalhas. Então ficar aqui para conseguir nossa vitória e vazar”. É possível observar na cena que esses adolescentes se omitem para a convicção dos brancos do hotel (funcionários e hóspedes), pois são vistos como inferiores com comportamentos inapropriados, e naquele momento, possuem a “principal determinação de assemelhar-se ao branco — ainda que tendo que deixar de ser negro”, ou seja, mesmo que apagando sua própria cor e autenticidade, pois “o negro buscou, via ascensão social, tornar-se gente” (Souza, 1983, p. 21).

A representação da inferiorização do negro na minissérie é retomada quando o narrador conta a história de Bearden, um homem que estava prestes a alcançar seu sonho e ser “o primeiro jogador negro na Liga Principal”, mas ao ler seu contrato, identificou que uma das cláusulas era jogar como branco, pois este era o jeito certo - “o que Bearden aprendeu ali foi o que eu aprendi no colégio, algo que a América sempre nos ensinou. Jogar bola da maneira certa significa jogar bola da maneira branca” (ep. 4, 14’22”). A partir da problemática do racismo, Fanon (2008, p. 95), como psicanalista, coloca a reflexão de que é preciso “conscientizar seu inconsciente, a não mais tentar um embranquecimento alucinatório, mas sim agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais”.

Souza (1983, p. 26), apresenta que existe um “mito negro” baseado na recusa de aceitar seu propósito de submissão. Diante disso, o negro enfrenta diversos desafios ao precisar conhecer-se e eliminar-se, tal como Édipo quando se depara com o dilema da representação maléfica da esfinge sobre ter o conhecimento e a resposta, para então “destruir o inimigo para seguir livre. Obviamente, cabe a negros e não-negros a consecução desse intento, mesmo porque o mito negro é feito de imagos fantasmáticas compartilhadas por ambos”.

A autora também aborda que essa diferenciação pela cor no contexto familiar, no qual o branco ocupa um lugar “exclusivo do lugar de referência” que determinará como “o negro será definido” (Souza, p. 26). Um exemplo disso está no episódio (ep. 5, 19'13”) em que Colin se apaixona e convida para o baile uma moça de sua escola que é negra. Seus pais definem que chamá-la é algo passageiro e, posteriormente, apresentam uma moça loira de olhos claros para o baile seguinte, sendo tão receptivos com essa decisão que colocam a foto dos dois juntos na estante, mas não colocam com seu antigo par. A diferenciação assume outros cenários durante a série, tais como na cena em que Colin está conversando com uma mulher negra para se encontrarem de forma amorosa e um de seus colegas brancos diz “Colin, é verdade o que dizem? Quanto mais preta a jabuticaba, mais doce o suco.” (ep. 5, 20'18”), em análise a este comentário, Souza (1983, p. 30) relata que diversos estereótipos da mitologia negra são absorvidos em discursos que em um primeiro momento aparecem ser positivos. É visto que a superior resistência física e o desempenho sexual são características motivadas pelo falso conhecimento de uma pressuposta superioridade negra. Estes elementos estão atrelados à “irracionalidade” e “primitivismo” do negro em objeção à “racionalidade” e “refinamento” do branco (Souza, 1983, p. 30).

Portanto, o racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, desenhando indivíduos cuja consciência e afetos estão conectados com as práticas sociais. A continuidade desse fenômeno se refere primeiro, a construção e reconstrução de uma assimilação social em que algumas características biológicas ou práticas culturais sejam relacionadas à raça. E implica que a desigualdade social seja automaticamente atribuída à identidade racial

dos indivíduos ou, intercorrente, que a sociedade se torne indiferente ao fato de que determinados grupos raciais desfrutam de privilégios (Almeida, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada sobre a minissérie “Colin em Preto e Branco” permitiu uma compreensão ampla dos desafios enfrentados por adolescentes negros na construção de suas identidades em um contexto de racismo estrutural. Ao longo do trabalho, buscou-se evidenciar que o racismo extrapola uma agressão externa, impactando profundamente o desenvolvimento psicossocial desses jovens. As imposições sociais, muitas vezes sutis, criam barreiras que dificultam a afirmação de uma identidade racial que seja positiva e autêntica.

A abordagem teórica de Frantz Fanon (2008) e Neusa Santos Souza (1983) contribuíram para essa compreensão, ao expor como a negação da negritude e a desvalorização das expressões culturais são elementos que afetam a autoestima e o pertencimento social. A minissérie retrata esses processos de forma vívida, destacando episódios em que o protagonista, Colin Kaepernick, é pressionado a se adequar a padrões brancos de comportamento, aparência e também a aceitação social e profissional.

Além disso, as narrativas culturais e midiáticas da série têm um papel crucial na formação das identidades e na autopercepção dos jovens negros. A representação autêntica dessas vivências, como a minissérie demonstra, oferece uma oportunidade de reflexão crítica tanto para os que enfrentam esses desafios quanto para a sociedade como um todo, ao abordar o racismo de forma honesta e direta.

A proposta inicial de analisar a interseção entre adolescência e identidade racial foi concluída, uma vez que o estudo revelou como o racismo influencia diretamente o desenvolvimento desses jovens. A pesquisa mostrou que a construção da identidade racial durante a adolescência é um processo complexo, marcado por conflitos internos e externos, que são frequentemente intensificados pelas pressões para se conformar a normas sociais que desvalorizam a negritude.

Conflitos de interesse: Os autores não têm conflitos de interesse a divulgar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**: Feminismo Plurais. São Paulo: Pólen Livros, 2019. Disponível em:
https://blogs.uninassau.edu.br/sites/blogs.uninassau.edu.br/files/anexo/racismo_estrutural_feminismos - silvio_luiz_de_almeida.pdf. Acesso em: 01 set. 2024
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições, 70, 1977. Disponível em:
https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN_L_1977_Analise_de_conteudo_Lisboa_edicoes_70_225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 24 ago. 2024.
- COLIN em preto e branco. Direção de Ava DuVernay. Produção original da Netflix. Roteiro: Colin Kaepernick e Ava DuVernay. [S.I.]: Netflix, 2021. (210 min.), streaming, son., color.
- COLIN em preto e branco: série narra os obstáculos de raça, classe e cultura que Colin Kaepernick precisou enfrentar ao longo da vida para se tornar o famoso atleta da NFL. Editora Globo S/A: Brasília, 2021. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/cultura/televisao/colin-em-preto-branco-serie-narra-os-obstaculos-de-raca-classe-cultura-que-colin-kaepernick-precisou-enfrentar-ao-longo-da-vida-para-se-tornar-famoso-atleta-da-nfl-25248484>. Acesso em 27 mar. 2024
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 18/2002**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF. Acesso em: 25 jul. 2024.
- CHÁVEZ, Alicia Fedelina; GUIDO-DIBRITO, Florence. Racial and Ethnic Identity and Development. In: An Update On Adult Development Theory. **New Directions for Adult and Continuing Education**, n. 84. p. 39-45, 1999. Disponível em: https://ce-classes.com/exam_format/racial-and-ethnic-identity-development.pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.
- DA COSTA, B. A. P; BINJA, E. J. B.. A Arte Africana na Diáspora: as tranças na manutenção da vida. **Revista Eletrônica Mutações**, Manaus, v. 15, n. 24, p. 91-102, jun. 2022. Disponível em:
<https://periodicosufam.edu.br/index.php/relem/article/download/11921/8388/32807>. Acesso em: 06 abr. 2024.
- DORETTO, J; CASAQUI, V. Multifaces De Greta: Adolescência, Ativismo E Inspiração. **Contemporanea | Comunicação e Cultura**. Salvador, v. 20, n. 2, p. 1-25, jun. de 2023. Disponível em:
<https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/46570/29213>. Acesso em: 14 abr. 2024
- FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp->

content/uploads/2014/05/Frantz_Fanon_Pele_negra_mascaras_brancas.pdf. Acesso em: 23 mar. 2024.

FANON, Frantz. **Racismo e cultura**. Coleção textos essenciais. Brasil: Editora Terra sem Amos, 2021. Disponível em: <https://terrasemamos.wordpress.com/wp-content/uploads/2021/04/frantz-fanon-racismo-e-cultura.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2024.

FERES JÚNIOR, João. Aspectos semânticos da discriminação racial no Brasil: para além da teoria da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 123-143, 2006. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/cwNbDxSgmN9HwJwR5wPrk9F/?lang=pt>. Acesso em: 23 jul. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 30 ago. 2024.

HENRIK, Juliana. Tranças africanas: eis a história. **Voz das Comunidades**, 2020. Disponível em: <https://vozdascomunidades.com.br/geral/trancas-africanas-eis-historia/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MENDES, D. et al. A Influência Da Autoestima No Desempenho Escolar. **Revista ED: Educação em Destaque**, Fortaleza, v. 39, n.73, p. 9–19.jun de 2017. Disponível em:
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/28211/1/2017_art_dcmendesklcastelano.pdf. Acesso em 06 abr. 2024.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Grupo A, 2022. Disponível em:
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 06 abr. 2024.

SOUZA, N. S. **Torna-se Negro**. Edições Graal: Rio de Janeiro, 1983. Disponível em:
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Neusa_Santos_Souza_-Tornar-se_Negro.pdf?1599239573. Acesso em 12 abr. de 2024.